

CENÁRIO INTERNACIONAL

EUROPA

De acordo com a agência europeia de estatísticas, Eurostat, a economia da zona do euro, composta por 19 países, evoluiu 2,4% em 2017. Foi a mais alta taxa de crescimento em dez anos. A economia alemã, a maior da região, evoluiu 2,2%, o ritmo mais forte em seis anos.

Em fevereiro de 2018, a taxa de desemprego recuou para 8,5%, depois de ter registrado 8,6% em janeiro. Cerca de 14 milhões de pessoas estavam sem trabalho.

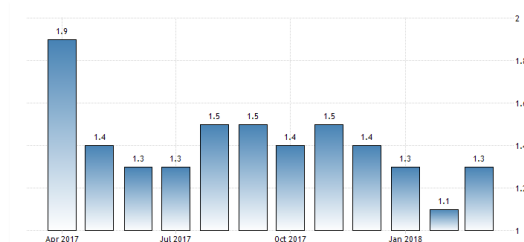
Zona do Euro - Taxa de Desemprego



Fonte: www.tradingeconomics.com

Já em março, a inflação do consumidor se elevou para 1,3% na base anual, sendo que em fevereiro havia sido de apenas 1,1%, muito distante da meta de 2%, do banco central.

Zona do Euro - Taxa de Inflação



Fonte: www.tradingeconomics.com

Dessa forma, o Banco Central Europeu, em sua última reunião, decidiu manter em 0% a taxa básica de juros e em -0,4 a taxa de

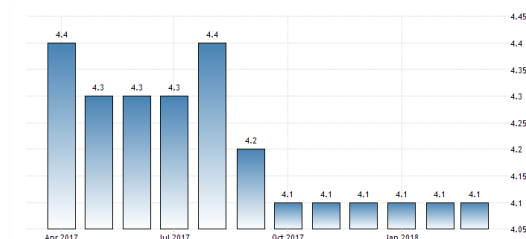
depósitos. No comunicado feito após o encontro, reiterou que segue disposto a comprar títulos de dívida de países da região além do mês de setembro deste ano, se for necessário.

EUA

Foi de 2,6% o crescimento da economia americana em 2017. No segundo e terceiro trimestre, a taxa chegou a 3%. O maior ganho em três anos nos gastos do consumidor, que respondem pela maioria do PIB, compensou parcialmente o aumento nas importações.

O mercado de trabalho seguiu robusto, mesmo que em março, apenas 103 mil novos postos de trabalho não rural tenham sido criados, quando se esperava 175 mil. A taxa de desemprego, de apenas 4,1%, se manteve nesse patamar pelo sexto mês seguido.

Estados Unidos - Taxa de Desemprego



Fonte: www.tradingeconomics.com

Quanto à inflação do consumidor, houve em março um recuo de 0,1% perante fevereiro, o que constituiu a primeira queda desde fevereiro de 2017. Na base anual, o índice teve alta de 2,4%.

No final do trimestre, o FED decidiu, em sua reunião a aumentar a taxa básica de juros do intervalo entre 1,25% e 1,5% para o intervalo entre 1,5% e 1,75%. Foi a primeira elevação da taxa sendo o FED presidido por Jerome Powell. Na ata da reunião, o colegiado indicou que a guerra comercial criada pelo presidente Trump, pode acarretar maiores altas da taxa de juros neste ano.

ÁSIA

Depois de ter crescido 6,9% em 2017 e superado com folga a meta de crescimento do PIB de 6,5%, o governo da China seguiu na trilha reformista ao nomear Guo Shuqing chefe do Partido Comunista e ao mesmo tempo vice-presidente do banco central do país. Ter a mesma pessoa como chefe de partido e dirigente de banco central é incomum no país e revela a disposição do governo em prosseguir na abertura da economia chinesa.

No Japão, a economia cresceu 1,9% em 2017 e registrou a mais longa expansão contínua desde a década de 80. Esse crescimento foi impulsionado pelos gastos do consumidor e sugere o fim de décadas de estagnação econômica.

Japão - PIB Taxa de Crescimento Anual



Fonte: www.tradingeconomics.com

RENDA FIXA

Embora o Banco Central Europeu tenha continuado a manter as taxas de depósito ainda com rendimento negativo, o FED já elevou a taxa básica americana novamente este ano. Com a possibilidade de maiores altas, o mercado secundário de títulos soberanos passou a oferecer taxas de rendimento mais altas.

Nesse contexto, o rendimento dos títulos de 10 anos emitidos pelo governo britânico (UK Gilt) passou de 1,18% a.a., no final do ano, para 1,51% a.a., no final do primeiro trimestre e os títulos do governo alemão (Bund) de 0,42% a.a., para 0,66% a.a. Já os títulos de 10 anos do governo americano (Treasury Bonds) tiveram o seu rendimento

alterado, no mesmo período, de 2,41% a.a., para 2,87% a.a. e os de 30 anos de 2,74% a.a. para 2,97% a.a.



Fonte: www.tradingeconomics.com

RENDA VARIÁVEL

Para as bolsas internacionais, o ano foi de quedas, por enquanto. O índice Dax 30 (Alemanha) acumulou desvalorização de 6,35% no primeiro trimestre, enquanto o FTSE 100 (Grã-Bretanha) caiu 8,21% nesse período.

Nos EUA, a queda foi menor, com o índice S&P 500 apresentando baixa de 1,22%.

Na Ásia, o índice Shanghai SE Composite (China) caiu 4,21% no trimestre. Foi a pior perda trimestral em dois anos, por conta, principalmente, do aumento da tensão comercial com os EUA. O índice Nikkei 225 (Japão), por sua vez, perdeu em 5,76% no período.



CENÁRIO INTERNACIONAL – PERSPECTIVAS 2018

Para Christine Lagarde, diretora gerente do Fundo Monetário Internacional,

FMI, as tensões comerciais provocadas pelos EUA e que ameaçam o livre comércio, trazem nuvens mais escuras para o horizonte do crescimento mundial. No entanto, o panorama de uma forma geral é luminoso. Em janeiro, a instituição revisou a alta da previsão do crescimento econômico mundial para 3,9% em 2018 e 2019.

Ela destacou que o FMI permanece otimista porque as economias avançadas devem crescer acima de seu potencial de crescimento médio e porque nos Estados Unidos há um cenário de pleno emprego. Além disso, as perspectivas continuam sólidas na Ásia, região que contribui em quase dois terços para o crescimento global.

EUROPA

Em relação à zona do euro, muito embora a confiança econômica nos países da região tenha em março recuado pelo terceiro mês consecutivo, a Comissão Europeia ainda acredita em um crescimento do PIB de 2,3% este ano.

Quanto à perspectiva da inflação, Mario Draghi, presidente do BCE, acredita que a alta dos preços deva ficar em torno de 1,5% em 2018. A inflação subjacente mostra um grau de contenção que sugere a necessidade de amplo grau de estímulo monetário. Muito embora a atividade econômica tenha mostrado maior força que a imaginada, a meta de 2% de inflação almejada pelas autoridades monetárias ainda segue distante.

EUA

Analistas da economia americana acreditam que a meta de crescimento do PIB de 3%, estabelecida pelo governo Trump para este ano, poderá ser atingida impulsionada pelo pacote de corte de impostos de US\$ 1,5 trilhão aprovado no final de 2017 e por um planejado aumento de gastos do governo.

Isso também significa que novas e mais rápidas altas das taxas de juros poderão ser

necessárias. Com os preços dos ativos em alto patamar e com o mercado de trabalho em uma situação de pleno emprego, uma política monetária menos flexível ajudaria a tornar a economia menos vulnerável a potenciais desequilíbrios financeiros.

De fato, as maiores incertezas em relação à economia americana no momento decorrem da imprevisibilidade que tem demonstrado o governo Trump na condução inclusive de sua política econômica. Cerca de 25% dos economistas recentemente entrevistados pelo jornal The Wall Street Journal esperam que o FED adote um ritmo mais agressivo para o aumento dos juros. Na mesma pesquisa feita em novembro do ano passado, apenas 12% acreditavam nessa possibilidade.

ÁSIA

Na China, o governo estabeleceu como meta para 2018, um crescimento do PIB de 6,5% e uma inflação anual ao redor de 3%. Números bem adaptados considerando-se que a economia do país está em transição entre uma fase de crescimento rápido e uma fase de desenvolvimento qualitativo. No primeiro trimestre de 2018 o PIB cresceu 1,4% em relação ao trimestre anterior e 6,8% na base anual, resultado acima das estimativas.

No setor externo, em oposição ao presidente Trump e à política comercial americana, a China está se comprometendo com uma maior abertura econômica e defesa do livre comércio. No entanto, se a guerra comercial se intensificar, o arsenal de medidas que podem ser adotadas é grande.

China - PIB Taxa de Crescimento Anual



Fonte: www.tradingeconomics.com

RENDA FIXA

Com a ameaça de uma guerra comercial mais ampla, o mercado de títulos do tesouro norte-americano pode viver momentos de maior volatilidade. A China é detentora de quase US\$ 1,2 trilhão em Treasuries, 9,4% da dívida americana. O seu movimento no mercado será acompanhado bem de perto. É improvável que os chineses vendam títulos do governo americano como retaliação, para elevar os juros nos EUA, mas o melhor é estar atento.

Nos mercados emergentes, tem prevalecido nos últimos meses o fato de que nem uma nota baixa de classificação de risco ou um alto prêmio de risco no mercado tem influenciado os investidores. O que importa são os juros pagos. Essa é uma distorção que em algum momento não muito distante, deverá ser corrigida pelo mercado.

RENDA VARIÁVEL

Se por um lado as empresas americanas podem oferecer aos seus acionistas melhores resultados com a reforma tributária promovida pelo governo Trump, por outro, a possibilidade do FED ter que aumentar a taxa de juros de forma mais agressiva representa uma má notícia para o investimento em ações. Para as bolsas europeias o ano tem sido pior do que para as bolsas americanas e essa tendência pode se manter ou se acentuar ainda mais com a guerra comercial que se desenha. Para as commodities, de forma geral a tendência parece ser de alta.

BOLSA (países desenvolvidos)	↓
DÓLAR	↑
TREASURY BONDS 10 Y	↓
JUROS	↑

CENÁRIO NACIONAL – 1º TRIMESTRE 2018

ATIVIDADE ECONÔMICA

Graças à atividade agropecuária, a economia brasileira registrou crescimento de 1% em 2017. O avanço de 13% no ano foi o melhor resultado desde o início da série histórica do IBGE, em 1996. O setor registrou safras recordes, como a de milho, que cresceu 55,2% e a da soja, que subiu 19,4%. A indústria ficou estagnada e o setor de serviços cresceu 0,3% no ano.

O resultado veio em linha com o que esperava a maioria dos analistas.

EMPREGO E RENDA

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad), do IBGE, a taxa de desemprego no país foi de 12,6% no trimestre encerrado em fevereiro, quando no ano anterior havia sido de 13,2%. O número de desempregados atingiu 13,1 milhões de pessoas.

O rendimento médio real (corrigido pela inflação) foi de R\$ 2.186,00, quando no ano anterior havia sido de R\$ 2.108,00.

SETOR PÚBLICO

Até fevereiro de 2018, o setor público consolidado registrou um superávit primário de R\$ 29,5 bilhões, sendo que no mesmo período de 2017 havia tido um superávit de R\$ 13,2 bilhões. Em doze meses, foi registrado um déficit primário de R\$ 94,3 bilhões, equivalente a 1,43% do PIB. As despesas com os juros nominais totalizaram R\$ 56,7 bilhões, no ano, enquanto no mesmo período do ano anterior haviam sido de R\$ 67,2 bilhões. Em doze meses os juros totalizaram R\$ 390 bilhões (5,91% do PIB).

O resultado nominal, que inclui o resultado primário mais os juros nominais foi

deficitário em R\$ 27,2 bilhões, no ano. A Dívida Bruta do Governo Geral (governo federal, INSS, governos estaduais e municipais) alcançou R\$ 4,95 trilhões em fevereiro, ou o equivalente a 75,1% do PIB. Já a arrecadação federal, teve alta de 10,67% sobre igual mês do ano passado e somou R\$ 105,12 bilhões.

Com o fracasso na aprovação da reforma da Previdência, a agência de classificação de risco Fitch reduziu a nota de crédito do Brasil de BB para BB-, com perspectiva estável.

INFLAÇÃO

O IPCA encerrou o primeiro trimestre do ano com alta de 0,70%, depois de ter registrado 0,96% no mesmo período do ano anterior. Em março, o índice subiu 0,09%, a menor taxa para o mês desde 1994, ano do Plano Real. Em doze meses a taxa foi de 2,68%.

Já a inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), também calculado pelo IBGE, abrangendo famílias com renda mensal entre um e cinco salários mínimos, subiu 0,07% em março, acumulando uma alta de apenas 1,56% em doze meses.

JUROS

Em sua última reunião de março, o Comitê de Política Monetária do Banco Central, o Copom, reduziu a taxa Selic pela décima segunda vez seguida, desta feita para 6,5% ao ano, o menor nível da história. A decisão foi unânime e dentro do esperado.

No comunicado da reunião o Banco Central surpreendeu ao indicar uma nova redução em maio.

CÂMBIO E SETOR EXTERNO

A taxa de câmbio dólar x real, denominada P-Tax 800, que é calculada pelo Banco Central do Brasil, fechou o primeiro trimestre de 2108 cotada a R\$ 3,323, acumulando uma alta de 0,48% no ano.

Em relação ao Balanço de Pagamentos, as transações correntes acumularam, em doze meses, terminados em fevereiro de 2018, um déficit de US\$ 7,8 bilhões, ou o equivalente a 0,38% do PIB. Os investimentos diretos no país (IED) totalizaram US\$ 4,5 bilhões no mês e as reservas internacionais, ao final de fevereiro, pelo conceito de liquidez eram de US\$ 377,0 bilhões. Quanto à Balança Comercial, o superávit acumulado no ano, até março foi de US\$ 13,95 bilhões.

RENDA FIXA

Com o rebaixamento da nota de crédito do Brasil pela agência S&P logo no início de janeiro, imaginou-se que os preços dos ativos do país pudessem se deteriorar. Mas, diferente do que aconteceu em 2015, com a perda do grau de investimento e no posterior rebaixamento em 2016, dessa vez os ativos brasileiros se valorizaram beneficiando-se da alta liquidez internacional e da inflação baixa. Assim como no mercado internacional de títulos de países emergentes, a taxa de juros paga superou a taxa de risco dos emissores.

O melhor desempenho entre os indicadores referenciais dos fundos de renda fixa com títulos públicos prefixados e indexados ao IPCA foi o do IDkA 20A (IPCA), que acumulou alta de 7,39% no trimestre, seguido do IMA-B 5+, com alta de 5,94%, enquanto a meta atuarial baseada no IPCA + 6% acumulou alta de 2,13% e a baseada no INPC alta de 1,91% no mesmo período.

Na tabela abaixo, podemos constatar o desempenho no primeiro trimestre dos principais indicadores de renda fixa que referenciam os fundos de investimento disponíveis para os RPPS.

Rentabilidade dos Indicadores		
Benchmark	2018	24M
IPCA + 6,00% AO ANO	2,13%	20,65%
INPC + 6,00% AO ANO	1,91%	19,33%
IBOVESPA	11,73%	99,48%
CDI	1,59%	24,73%
IRF-M 1	1,80%	26,30%
IRF-M 1+	4,50%	49,39%
IRF-M	3,77%	41,30%
IMA-B 5	3,53%	28,73%
IMA-B 5+	5,94%	50,51%
IMA-B	4,94%	41,76%
IMA Geral	3,47%	36,15%
IDKA IPCA 2 ANOS	3,01%	28,41%
IDKA IPCA 20 ANOS	7,39%	81,52%
POUPANÇA	1,51%	15,99%

RENDA VARIÁVEL

A bolsa brasileira também se beneficiou fortemente da economia voltando a crescer, da inflação em queda e da taxa Selic rumando para a mínima histórica. Em janeiro o ingresso líquido de investimento estrangeiro na B3 foi de R\$ 9,5 bilhões. Nem mesmo a saída líquida de R\$ 4,2 bilhões em fevereiro e de R\$ 5,3 bilhões em março reverteu a maior procura por ações dos investidores locais.

O índice Bovespa encerrou o primeiro trimestre de 2018 aos 85.366 pontos, apresentando uma rentabilidade acumulada no ano de 11,73% e de 30,80% em doze meses.

CENÁRIO NACIONAL – PERSPECTIVAS 2018

ATIVIDADE ECONÔMICA E EMPREGO

No último Relatório de Inflação publicado em março, o Banco Central estima que o PIB brasileiro vá crescer 2,6% em 2018. Para o presidente da instituição, há espaço para estimular o crescimento com a inflação baixa e os juros em queda. Mas o fato é que além de ser um ano eleitoral, o fracasso na condução da reforma previdenciária acabou trazendo maior insegurança para os agentes econômicos. O ministro Meirelles deixou o cargo para concorrer nas eleições e em seu lugar assumiu Eduardo Guardia, um técnico sem o mesmo cacife político que o seu antecessor, para conduzir reformas na economia que permitissem um crescimento mais acelerado. Os dados já disponíveis sobre a atividade econômica no primeiro trimestre indicam que o Brasil cresce menos que o esperado.

A boa notícia é que depois de cair 6,45% nos últimos seis anos, a produtividade brasileira começa a esboçar reação. Conforme a consultoria Tendências, o indicador deve crescer 0,5% em 2018.

Quanto ao desemprego, a taxa continuará elevada com a economia evoluindo mais lentamente.

SETOR PÚBLICO

O governo tem como meta fechar 2018 com um déficit primário de R\$ 159 bilhões e 2019 com um déficit de R\$ 139 bilhões. Mas para 2020, o déficit foi piorado de R\$ 65 bilhões para R\$ 110 bilhões. São números que constam do projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias do ano que vem. O resultado poderá voltar a ser positivo em 2022 ou 2023, dependendo da condução de reformas econômicas por um novo governo.

Mas a verdadeira bomba fiscal pode estourar já em 2019 com o país não cumprindo a chamada regra de ouro, que é um princípio estabelecido no artigo 167 da Constituição Federal do Brasil e regulamentado pela Lei de Responsabilidade Fiscal de 1999. O país, a partir de certo limite, só pode se endividar se for para o uso dos recursos em investimento e não para pagar despesas correntes. O não cumprimento é crime de responsabilidade dos gestores, inclusive do presidente da República.

INFLAÇÃO

Conforme o último Relatório Focus, o mercado financeiro estima que a inflação de 2018, medida através do IPCA, será de 3,48%. Já para o Banco Central, através do último Relatório de Inflação, ela será de 3,8% neste ano.

O fato é que o cenário básico para a inflação tem evoluído de forma benigna mais do que o esperado. A reversão desse quadro dependeria de altas mais pronunciadas da energia e dos alimentos nos mercados futuros internacionais, já que os fatores climáticos internos vêm colaborando.

JUROS

Para o mercado financeiro, este ano irá terminar com a taxa Selic em 6,25% a.a. Para o Banco Central, a taxa de juros deve ter só mais um corte, provavelmente de 0,25 p.p, na próxima reunião em maio, para depois ser adotada uma pausa no processo de flexibilização monetária. Será então necessário algum tempo, para que a evolução da economia e sua reação aos estímulos já adotados sejam avaliados. Inclusive o cenário externo em que a guerra comercial e altas mais agressivas dos juros, pelo FED, podem acontecer.

Depois da queda continuada da taxa Selic ao longo do último ano, a pergunta que fica é se os juros bancários no Brasil reagem a

quedas na taxa básica do BC. Afinal, os empresários, por exemplo, reclamam que é preciso reduzir as taxas de juros para o tomador final e não só a taxa Selic. “Quando a taxa de juro do Banco Central sobe, os bancos aproveitam para cobrar mais caro nos empréstimos, mas quando ela cai, eles não repassam isso ao consumidor”.

Para o presidente do Banco Central, Ilan Golfajn, as condições estão dadas para termos queda nas taxas bancárias. Primeiro com a Selic e a inflação mais baixas.

O fato é que neste momento, em que a Taxa Selic é de 6,25% ao ano, o Banco Bradesco, por exemplo, cobra de seus correntistas, no uso do cheque especial, 12,10% ao mês ou 293,75% ao ano. Deduzido o custo da captação, é uma diferença que nem mesmo a inadimplência, inseguranças jurídicas e etc. conseguem justificar.

Segundo reportagem do jornal a Folha de São Paulo, a taxa média para financiamentos imobiliários era de 11% ao ano, em fevereiro. Para comprar um carro era de 22,5% ao ano e em um crédito consignado 26%. Para o crédito pessoal era de 126% ao ano. Para as pessoas jurídicas, empréstimos para capital de giro custavam 18,7% ao ano e o financiamento da exportação 11,3%. Mais barato só o crédito rural com um custo de 8,1% ao ano.

Para agravar a situação, a crescente concentração bancária fez com que os cinco maiores bancos do país passassem a deter mais de 80% dos ativos no mercado. Reduzir o spread bancário no Brasil não é tarefa para qualquer um.

CÂMBIO E SETOR EXTERNO

O último Relatório Focus revelou que o mercado financeiro espera que o dólar esteja cotado a R\$ 3,48 no final de 2018.

Para a Balança Comercial, o Relatório Focus estima um superávit de US\$ 55,8 bilhões. Para o déficit em transações correntes, a estimativa é de US\$ 25,4 bilhões e

finalmente para o Investimento Estrangeiro Direto – IED, a estimativa é de um ingresso de US\$ 80 bilhões em 2018.

RENDA FIXA

Com o fim do ciclo de redução da taxa Selic que se avizinha e respeitados os fundamentos macroeconômicos e o cenário internacional, dependerá muito dos resultados das pesquisas eleitorais e finalmente da própria eleição, a possibilidade de ganhos a preços de mercado com ativos de renda fixa prefixados ou indexados ao IPCA. Embora o mercado financeiro e de capitais só enxerguem soluções na eleição de um candidato de perfil reformista e comprometido com a disciplina fiscal, a eleição presidencial está em aberto por causa da ampla rejeição popular a qualquer candidato que pareça tradicional, conforme declarou o cofundador da Eurásia Consultoria, Ian Bremmer.

Ao recomendarmos neste momento uma postura mais conservadora dos investidores, também é preciso lembrar que a queda acentuada da taxa Selic só foi possível por conta de uma inflação bastante baixa, calçada no alto desemprego, baixa atividade econômica e taxa de câmbio estável, principalmente, e graças a um cenário internacional altamente favorável. Daqui até as eleições presidenciais, com certeza a volatilidade mais alta nos aguarda.

INFLAÇÃO
JUROS
TAXA PRÉ-FIXADA
IMA-B



RENDA VARIÁVEL

Apesar das eleições, a bolsa pode ter um desempenho ainda mais positivo neste ano, por conta de alguma recuperação nos lucros das empresas, de uma taxa de juros bem baixa e de um bom crescimento da economia mundial.

Mesmo que os investidores estrangeiros tenham vendido em fevereiro e março as ações adquiridas em janeiro, a grande maioria das instituições financeiras internacionais recomenda a compra de ações brasileiras diretamente ou através de fundos de investimento dedicados aos mercados emergentes e enxerga espaço para valorizações importantes.

Embora a volatilidade deva ser alta ao longo do ano e quedas façam parte da dinâmica do investimento em ações, oportunidades de compra não devem ser desprezadas, principalmente por aqueles que acreditem que ao longo do tempo o país encontrará as soluções mais adequadas para os seus problemas.

Bolsa →
Dólar ↑

Ibovespa



ALOCAÇÃO SUGERIDA PARA OS RPPS

Sugestão de Alocação dos Recursos – Renda Fixa e Variável	
<u>Renda Fixa</u>	70%
Longuíssimo Prazo (IMA-B 5+ e IDKA 20A)	0%
Longo Prazo (IMA-B Total e FIDC/ Crédito Privado/ Fundo Debênture)	15%
Gestão do Duration	10%
Médio Prazo (IRF-M Total, IMA-B 5 e IDKA 2A)	25%
Curto Prazo (CDI, IRF-M 1 e CDB)	20%
<u>Renda Variável</u>	30%
Fundos de Ações	10%
Multimercados	10%
Fundos em Participações	5%
Fundos Imobiliários	5%